

E o nosso urbanismo, vai chegar?

Não se pode qualificar de utópico qualquer alerta sobre a possibilidade de Vitória, num futuro não muito distante, vir a ter de recriar aquilo que hoje está sendo depredado. Ao contrário o que se tem entendido como nocivo à própria estrutura da cidade por arquitetos e outros técnicos em urbanismo chega a um volume de grande monta. No plano de urbanização comete-se falha, na formação de novos aglomerados habitacionais os erros também se apresentam como gritantes e, assim, a capital aos poucos vai acumulando focos de tensões sociais que breve podem dar surgimento a problemas de maior envergadura para o próprio bem estar da população.

Não é necessário se ter o alcance exato do progresso atingido pela Arquitetura no mundo moderno para se argumentar a existência de melhores meios de fixação do homem em conjuntos urbanos, assim como se demonstrar que caminhamos para um clima de tensão insuportável, se medidas não forem tomadas visando a estabelecer normas de disciplina à expansão das construções civis.

Vitória, atualmente, está forjada em uma política de espontaneísmo de progresso. Todas as medidas que se tomam e os planejamentos que são feitos têm sempre o mesmo objetivo: o de ganhar tempo na tentativa de evitar a saturação imediata.

Os que defendem este ponto de vista seguem um raciocínio bem definido na prática da realidade vitoriense. Nota-se, de imediato, a balbúrdia nos esquemas

de projeção arquitetônica. Não se obedece aos mínimos preceitos naturalistas, atuando-se sempre em benefício da voracidade do desenvolvimento em detrimento da natureza.

Uma análise da região central da ilha, abrangendo inclusive os bairros até o Horto Municipal, vai mostrar a falta de claros arborizados. O cimento armado, o asfalto e os blocos de concreto se arvoraram em donos irreversíveis do panorama. Até a tentativa de se colocar canteiros na avenida Beira-Mar foi jagada por terra, assim como na avenida Vitória da Praias do Suá, ao Forte de São João, São vias de tráfego, dizem, mas isso não pode ser levado à compreensão de um argumento convincente, pois elas também fazem parte da paisagem urbanística. E esta, por conseguinte, é projetada visando ao bem estar do homem, sempre em seu benefício.

A arborização é uma imposição hoje em dia e ninguém pode se esquecer dela nas investidas arquitetônicas, seja na construção de um "espigão", ou na pavimentação de uma rua ou avenida. Ela é tão importante quando a própria solidez do asfalto e a dimensão de uma curva. Por que então nós mesmos não realizamos um trabalho de humanização da capital? Já existe um projeto de autoria do arquiteto e urbanista Cesar Tanure; é só colocá-lo em prática. Ele atende, também, a outros setores deficientes dentro das necessidades reais de Vitória.